

# Jornal de Melgaço

**ASSIGNATURA**

Anno ..... 1:500  
Semestre ..... 800  
Africa (anno) ..... 2:000  
Brazil ( « ) ..... 3:000

**DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR**

**DUARTE AUGUSTO DE MAGALHÃES**

SÉDE DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO | OFFICINA DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO | CASA DA CALÇADA-MELGAÇO

**PUBLICAÇÕES**

Por cada linha ..... 40 réis  
Outras publicações contracto especial.  
Numero anulo ..... 20

## E sob... juramento

Quando s. rev.<sup>ma</sup>, para se instruir um recurso eleitoral, attestou **sob juramento**, fel-o invocando Deus e as cousas santas para confirmação da verdade das suas palavras e da sinceridade que as ditava. E a lei exige unicamente a verdade. Mas sua rev.<sup>ma</sup> dizendo-se justo e agasalhando no coração tola a ferocidade d'um politico facioso, affigura-se-nos composto da dualidade de santo e demonio. Que esperteza de pintalegrete foi a de acotmar de vadio o homem que recebendo de seus paes a educação para o trabalho não tem horas d'ocio como s. rev.<sup>ma</sup> para pensar n'uma informação menos verdadeira do parochiano cuja eliminação do recenseamento eleitoral convém? Esfregar as mãos de jubiloso frenesi por eliminar do recenseamento um cidadão á custa d'uma mentira, é cousa que muito satisfaz a grei dementada que jámais scube o que era proceder criteriosa e honradamente.

Mas a *desalmada* opposição abriu o bico e reclamou contra mil falsidades e entre ellas a de s. rev.<sup>ma</sup> que foi passada **sob juramento**, mentindo ou sophismando. A politica em Melgaço chegou a isto. Pois chegar a isto é descer, é rastejar na lama, humedecendo o ventre, é coaxar no pantano pedindo um rei para em troca da

supplica vir um páu que amedronta. **Mentido jurando** é faltar aos deveres que temos uns para com os outros, para com Deus, mesmo para com sua rev.<sup>ma</sup>, é enfim cumprir á risca a divisa de um grupo que aos deuses da sua patria **jurou mentir**. Trabalhar um dia inteiro, comer á mesa de seu pae, com elle viver, embora o pae só uma horta possúa—isto, é na opinião de sua rev.<sup>ma</sup> ser vadio.

Tem carradas de razão os que justificam os males do povo e da patria portugueza n'uma instrução insufficientemente ministrada pois que a palmatoria ainda era bem empregada em pessoas que são capazes de dizer que tem exame de portuquez—quem sabe mesmo—se com distincção. Ponhamos de parte a circumstancia de o coração e a consciencia nos aconselham mal, o intellecto é que nada tem com isso e se, sua rev.<sup>ma</sup> não encommendou o exame de portuquez a outrem mais corajoso, ha de saber o verdadeiro sentido da palavra vadio.

Poderia s. rev.<sup>ma</sup> sophismar, mesmo que não quizesse mentir, mas então argumentava de má fé, era falso e enganoso quanto **sob juramento** attestasse.

Vá, rev.<sup>mo</sup> sr., é mais digno responder sinceramente.

Acima da politica, o coração, a consciencia e a dignidade dos homens.

## A questão das carnes

Até que enfim, das sabias senhorias da nossa vereação sahii uma ideia gigantesca e salvadora, que vai salvar o monge da Portella e matará de fome, todos aquelles que não queiram gastar para seu consumo, carne estragada, negra e putrefacta, como aquella que ha poucos dias o nosso amigo sr. Araujo, fez multar, obrigando o magarife a dar outra carne, menos avariada e que não infeccionasse tanto o despragado consumidor condemnado a comê-la.

Do ventre de um dos edis, a quem nós por commiseracão occultamos o nome, conseguiu o Monge arrancar um edital, que, seríamos grandemente censurados pelos nossos leitores, se lh'o não transcrevessemos na integra, não só para avaliarem, que Cesar Victor Gomes teve carradas de razão, reclamando contra alguns vereadores como analphabetos, mas tambem para que as letras patrias mandem archivar esse padrão de gloria refulgente, de um edil melgacense e para ao mesmo tempo avaliarem até onde chega a sabença d'estes senhores:

Vae transcripto *ipsis verbis* com todos os pontos e virgulas para lhe não deslustrar o merecimento:

«José Augusto Alves, casado do lugar da **portella**, freguezia de Chaviães d'este concelho, na qualidade de arrematante das **contribuições indrntas municipaes**, lançadas sobre as carnes verdes, do Concelho, no corrente anno de 1909 e nove,

Faz publico que, o **incarregado** para receber Manifesto da carne que seja

introduzida n'este concelho, na freguezia de Penso, é o Sr. Caetano Rodrigues negociante no lugar de S. Bertolamen na freguezia dita de **penso** e para não poderem **alegar ignorancias**, se faz publico pelo presente, e outros, que vão sêr afixados nos lugares do **Estllo**.

(a)

Ahi teem a obra de arte que um **cerebro melgacense** engendrou para... para metter o Monge em funduras, que lhe devem sahir immensamente caras, por serem violencias, que o codigo penal pune, e abusar da auctoridade que as nossas leis não permittem e condemnam.

Os nossos leitores e todos aquelles que na legitima defesa da sua saude e de sua vida, gravemente ameaçada pelos abusos do arrematante de fornecimento de carnes verdes n'este concelho, podem estar perfeitos e completamente garantidos de que a carne mandada vir para seu consumo do concelho de Monsão, é **isenta de impostos municipaes** e assim o diz sabiamente a resolução do Ministerio do Reino de 5 de maio de 1907. A's violencias, responde-se com violencias, os assaltos previnem-se e evitam-se com licença de uso e porte d'arma de fogo e para as maroteiras e tratantadas que apparecem de repente, n'esta redacção fornecem-se todos os esclarecimentos e accitam-se gratuitamente todas as procurações de cousas como estas, em que os direitos dos cidadãos sejam lesados.

Até o proprio regulamento para a fiscalisção e arrecadação dos impostos indirectos municipaes, que o senhor arrematante—depois da palhaçada e assalto que commetteu em Penso, a um carro particular, pelo que será punido civil e criminalmen-

te,— se lembrou de pedir á camara por certidão, lhe diz muito claramente no artigo 5.º do dito regulamento: que os generos sujeitos ao imposto municipal e que sejam importados n'este concelho, serão manifestados, antes de darem entrada em **qualquer estabelecimento commercial ou armazem**.

Ora o sr. vice-presidente da camara que é um membro valoroso, uma vergontea forte d'esse ramo improductivel ou esteril como os ecconomistas denominam o commercio, não desconhece com certeza, que o imposto indirecto só incide na venda para consumo, sem distinguir se este consumo se faz na propria circumscripção da venda ou em qualquer outra, resolução do Ministerio do Reino de 11 de novembro de 1902, art.º 74 do cod.º administrativo.

Ora como o imposto recae sobre os vendedores, já o sr. Pinto, em Monsão, pagou os direitos á Camara d'aquelle concelho, como por lei lhe são devidos, o **que exciue os necessarios que quaesquer individuos importem de concelho diverso para seu consumo particular**. Port. de 19 de maio de 1889 e 8 de setembro de 1881, Decreto sob. consulta. S. T. Adm. 17 janeiro de 1883, Resolução M. do Reino 8 de junho de 1895, 10 de outubro de 1900 e 11 de novembro de 1902, que é exactamente a ferida do senhor arrematante, que ha de ser curada com o tempo e com a justiça se sôr cabeçado e não quizer cumprir a lei e a escriptura que fez com a camara, em que *ipso facto* se obriga a respeitar o seu regulamento. E' sempre bem e muito util para todos nós, que se deixem de violencias, para nos não obrigarem a seguir igual caminho, pois se não fosse a nossa muita

prudencia é possível, quasi certo, que certos gallos, já hoje não annunciavam nos seus poleiros a madrugada, com a crista intacta tal qual por ora a teem. Ahi fica o aviso e aconselhmos de novo aos nossos leitores, que a unica maneira de responder a uma violencia é com outra violencia, porque ao serem postergadas as nossas garantias de cidadãos portuguezes, e ao serem cuspidos os nossos direitos, a ameaça e o atropello aos mesmos direitos justifica a sua legitima defeza por todos os meios e a Galliza está perto e o caminho para a America livre e desimpedido.

Pena de Talião: *Dns: pro dente*.

## A reforma d'instrução primaria

Segundo uns periodos que a custo, senão a medo, teem apparecido da projectada reforma d'instrução primaria, preve-se como certa a melhoria da classe do professorado, que até hoje, sem melindre para ninguém, tem sido lançada em mais desalado abandono.

Todos os governos desde Pombal, teem sido d'uma criminalidade inconcebivel, não se convencendo, nem mesmo com factos, de que ha de ser ella, exclusivamente ella, que ha de elevar o paiz a um grau de prosperidade, que nenhum outro factor será capaz de o fazer, jámais em tão curto praso ella o fará.

Ha exemplos tão frisantes, argumentos tão reaes, que nos abstemos por completo de o provar, por isso que já, mais uma vez o julgamos demasiadamente provado até á evidencia.

Essa reforma, porém,

## AMOR E DINHEIRO

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO V

UM FALSO LAR

—Sim! tendes razão! convocio gravemente o doutor. Tendes razão... mas em que vos posso ser util?  
—Eu não quero que Joanna, já tão martyrisada se lance outra vez na miseria e na infamia das ruas... ella não pôde e não deve ficar em minha casa, mas tambem não a quero perdêr de vista... eu queriz que ella voltasse para casa do pae...  
—Excellentê ideia!... mas vosso pae, menina Dor-

meiuit...  
—Encarrego-me, interrompeu Dancourt, de obter d'elle o perdão que ella merece. Desgraçadamente eu ainda não estou em condições de o procurar porque ignoro onde mora actualmente; mas se vós podessels...  
—Como! Se eu podesse... mas hoje mesmo começarei a revolvêr Paris e prometto-vos saber o que desejaes.  
Vejamos: chama-se o senhor...  
—Pedro Dormeiuit.  
—A antiga morada?  
—Rua de Santo Antonio.  
—A profissão?  
—Meu pae trabalhou durante algum tempo n'uma mercenaria mas... as forças faltaram lhe. E' um antigo

soldado, um velho sargento que as fadigas alquebraram primeiro que a idade.  
—Um sargento... reformado?  
—Sim, isso mesmo.  
—Agraciado?... Condecorado?...  
—Uma e outra coisa.  
—Então, amanhã o mais tardar, estarei junto de vosso pae.  
—E como procederéis para saber...  
—Simplez como o espirito d'um pharmaceutico. Onde estão registradas as pensões concedidas aos militares reformados, agraciados e condecorados?  
—No ministerio da Fazenda.  
—Bom! Então o ministerio da Fazenda me fornece-

rá a direcção do sr. Pedro Dormeiuit.  
.....  
No outro dia de manhã Paulo ao ver Joanna accupada com João e Magdalena e ao ver-lhe os olhos avermelhados, entumecidos pela insonia e a tristeza que lhes velava o rosto pensou:  
—Chorou esta noite: Sim, compreendendo... Por ella... por mim é preciso que parta immediatamente. E, preso d'uma commoção invencivel, d'um temôr inexplicavel não ousou ditrigir-lhe a palavra. Abraçou as duas creanças e sentiu uma perturbação violenta no coração quando Magdalena se lhe lançou ao pescoço como habitualmente fazia dizendo-lhe:  
—Bom dia papá,

E Joanna, que dantes ria com Dancourt d'esta innocencia apressou-se a dizer:  
—Peço-vos por ella, senhor Dancourt, mas esta pequena não sabe mais.  
A's quatro horas, Dancourt sentado n'uma cadeira de braços, contemplava Joanna que andava preparando já algumas coisas, quando o tocar forte da campainha o fez estremecer.  
—E' o dr. Jacintho, com certeza, disse Joanna dirigindo se para a porta.  
Paulo não respondeu, mas as sobranceiras carregaram-se-lhe e uma contração rapida crispou-lhe a face.  
Era, com effeito o major mas não o homem alegre, palradôr, cuja face se injectava pelo effeito do seu bom

humôr!  
Vinha triste, sombrio. Ao ver Joanna, os olhos tomaram-lhe uma expressão de compaixão e sympathia.  
Ella notou esta mudança e perguntou:  
—Então que ha?... Meu pae?  
—Dancourt está no quarto?  
—Sim.  
—Bom. Peço-vos minha filha que vos não inquieteis... Quería estar só com elle.  
—Oh! adivinho-o... presinto o...  
—Deixae-me passar... é necessario que falle já com Paulo. Resignada retirou-se p'ra sala de jantar.

posto que á primeira vista parece d'um alcance real de-  
veras vantajoso, apresenta-  
se-nos cahotica e contrapro-  
ducenti.

Não queremos fallar n'este  
momento do augmento de  
ordenado aos miseros evan-  
gelisadores da instrucção,  
mas sim da impossibilidade  
do thesouro de satisfazer as  
despezas urgentes que acar-  
reta tal reforma.

Os nossos legisladores, que  
parecem beber do fino, que-  
rendo assimillar-se á Ingia-  
terra nas suas legislações, de-  
viam legislar gradualmente,  
tendo em vista os recursos  
pecuniarios do thesouro.

Caso contrario, isto é,  
continuando como até aqui,  
todos os decretos que apre-  
sentam só podem ser contra-  
producentes, nada nos traze-  
ndo de certo e positivo.

Caro é que, não podendo  
o thesouro ser sobrecarre-  
gado com uma despesa co-  
mo o exige a actual, digo, a  
ainda não publicada reforma,  
na da, absolutamente nada  
d'ella podemos esperar.

Como podemos nós a um  
individuo que pouco ou nada  
possue uma despesa que es-  
tá por completo fóra dos le-  
mites das suas forças pecu-  
niarias?

Totalmente impossivel co-  
mo se pode prever.

E' logico, ao melhor era  
logico que as propostas ou  
projectos governamentais se  
coudunassem com as forças  
de que o thesouro pode dis-  
por, pois que n'esse caso se-  
riamos muitissimo melhor  
servidos, e com os quaes a  
patria teria muitissimo a lu-  
crar.

(Continua).

Arievilo.



## GAZETILHA

O saquinha da Portella  
Foi fazer um papelão,  
Foi de creado do frade  
Fazer uma apprehensão;  
E ao virem de retórno  
Contava com o seu patau,  
Mas diz-lhe o frade marau:  
Da vacca terás um córno.

O' mestre, toma um conselho  
Que por ser barato, é bom:  
—Deixa brigar os que brigam,  
Vae levando na saquinha  
E não te faças pimpão  
Pra que os outros te não digam:  
Quem te mandou sapateiro  
Vir tocar o rabeção?

Fóra da villa, 2—V—09.

## Lagrima d'infortunio

E' verdadeiramente de-  
ploravel e digno de toda a  
lastima o estado a que che-  
gou o partido progressista  
em Melgaço. Servem-se de  
todos os meios ainda os mais  
baixos, os mais ridiculos,  
nojentos e asquerosos para  
se sustentarem no palco d'uma  
representação ridicula e  
phantastica. Enlodam os no-  
mes mais impollutos e pre-  
tendem enxovalhar as repre-  
sentações mais comprovadas  
e n'esta rede de *parer* ar-  
rastam na sua corrente de  
iniquidade pessoas que em  
outros tempos mereciam o  
respeito e a veneração da  
sua honesta, mas em que o

mando confirmou o adagio:  
«se queres ver o villão met-  
te lhe o poder na mão». E o  
villão é semelhante ao heroe  
da fabula que calçou umas  
botas para cortar o mar an-  
tes sem navegar, e qual saio  
de malhas cobre o seu san-  
tificado costado com um se-  
mi universal capote que vi-  
rá a ser a tunica funeraria  
do moribundo partido pro-  
gressista. E não lhe faliará  
quem lhe offereça a estopa...  
para limpar o oleo com que  
lhe tapa as peccaminosas  
portas, receptaculos dos co-  
nhcimentos que o cerebro  
transformou em vilanias.

Esse mythologico e nunca  
assás decrepito heroe subs-  
tituiu de bom grado os jan-  
tares abundantes, saborosos  
e estripitosos dos magros  
abbades pelos magros, mas  
bem confeccionados chás dos  
villãos e pelos exquisitos e  
saborosos manjares rescen-  
dendo a incenso e fado Hyl-  
lario, de quem canta versos  
á lua, a pallida e scismadora  
companheira dos corações  
avantes. E' que o bem ama-  
do não fez escriptura de  
abandonar os antigos ninhos  
do lar paterno. E como sua  
excellencia ou suas excellen-  
cias não podem prescindir  
d'um *mosteiro* extra-official  
para encobrir, murmurar,  
peccar e imaginar as vingan-  
ças que *post tempora* se hão  
de fazer, segue-se que a pobre  
tem desabafos perante a an-  
tiga guitarrada do fado e  
até perante os antigos amores  
culpados ou desvairados  
do anachoreta que peregrina  
pelos montes e valles, sal-  
tando, dançando, cantando...  
os hymnos sagrados de Cor-  
teia, resumindo n'uma syn-  
theze atroz o seu grande e  
doloroso passado e o seu  
torvo e irremediavel futuro.

E, montado em paciente e  
bem domesticado bucephalo,  
corta os montes, os valles e  
até os mares da historica  
estrada que sómente chega  
ao cabo das Tormentas, mas  
que sua ex.<sup>a</sup> vae *dobrar* e  
seu patrão irá baptisar o com  
o nome de Boa Esperança, e  
muito bem porque a boa  
esperança não consiste só-  
mente no ouro da India,  
tambem está nas grandes  
intelligencias que perdidas  
nas quebradas dos montes  
vão agora levantar a sua  
voz auctorizada nos grandes  
centros e converter tudo em  
*adubos chimicos* da sociedade  
mal humorada.

Feliz ideia! thesouro inex-  
gotavel! O' grande e scien-  
tifico Himalaya, dobra a cer-  
vis perante o novo vulto que  
mais alto se alevanta e vae  
vender a toda a orbe civili-  
sada o seu elixir potente e  
poderoso que dá vida aos  
mortos, andar aos coxos e  
vista aos cegos. Tu tendes a  
destruir a sociedade com os  
potentes explosivos, mas o  
*avrocho do norte* tende a  
edificar a sociedade com a  
agua quente.

Venha antes o *avrocho do  
norte* e preferimol-o ao dy-  
namite do sul. Não deviamos  
continuar n'este humilde arti-  
go mais pormenores do nos-  
so heroe que vae notificar  
ao mundo inteiro a sua in-  
telligencia que germinou em  
aridos montes *onde a urze a  
custo ácsabrocha*, porém não  
podemos esquecer que o  
mundo civilisado precisa co-  
nhecer este anachoreta per-  
didido nos mais reconditos lu-  
gares que a natureza creou.  
E' muito conhecido pelo seu  
andar de cima da córte,  
pela sua conversação sincero-  
criminal, pelos seus actos  
heroico-hypocritas e pelas  
suas cerimoniaes ultra delica-

das. Pobre tonto que tão  
depressa mostraste o fio ao  
panno. E' que aqui não é o  
monte. Aqui toma-se chá com  
bolacha e toma-se banho.  
Para comer os do monte  
servias muito bem, deixando  
em casa o *esterqueiro*, mas  
para aqui não serves, depõe  
o capote e as botas, corta  
uma parte aos queixos e de-  
pois vem, porque o resto da  
cara manhosa é ainda susce-  
ptivel de educação.

## MINDEZAS

### O rádio

(Continuação)

Ora vamos lá explicar o  
aparêlho e o método que  
serviram á snr.<sup>a</sup> Curie, para  
a descoberta do rádio.

Esse aparêlho é extraor-  
dinariamente simples. Porem  
para o comprehendêdes bem,  
é necessário que vos expli-  
que os elementos de que se  
serviu. Uma *pilha eléctrica*,  
é, como todos sabem, um  
aparêlho capaz de desenvol-  
ver uma corrente eléctrica,  
por meio duma reacção qui-  
mica. Isto é dum modo ge-  
ral, pois que ha tambem as  
pilhas termo-eléctricas em que  
o principio activo é o calor.

Utilizou tambem um *gal-  
vanómetro*. Um *galvanomé-  
tro*, meus caros leitores, é  
um aparêlho destinado a me-  
dir a corrente eléctrica. Nam  
o descrevo para evitar ma-  
cadas áqueles que tam be-  
nignamente me lêem. Pôsto  
isto, vejamos ainda. Da *pi-  
lha* partem dois fios destina-  
dos a serem o caminho da  
corrente eléctrica e que se  
chamam *reófaros*.

Se os *reófaros* estão ligá-  
dos, formando um condutór  
ininterrupto, a corrente elé-  
ctrica, passa. Se os desligar-  
mos a corrente deixa de  
passar. E agora vejamos co-  
mo procedeu a snr.<sup>a</sup> Curie.

Tomou uma *pilha* e no  
circuito d'ella interpôs-lhe um  
*galvanómetro*, para assim,  
podêr apreciar a corrente  
eléctrica. Depois ligou as duas  
extremidades dos *reófaros*, a  
dois pratos metallicos, que eu  
chamarei A e B, e coloca-  
dos, um seperiamente ao  
outro. Entre elles havia um  
certo espaço, uma camada  
de ar, que lhes servia de  
*isoladór*. *Isoladór* é qualquer  
substancia, capaz de impedir  
o caminho, ou o desenvolvi-  
mento de electricidade.

Estando o aparêlho assim  
construido, é comprehensivel  
que a corrente nam passas-  
se, visto que entre os dois  
pratos nenhuma comunicação  
havia.

Porem desde que se lan-  
ças-e no prato inferior B, uma  
substancia emissóra de raios  
uranicos, finamente pulveri-  
sada, o ar interpôsto entre  
os dois pratos A e B torna-  
va-se immediatamente, con-  
dutór e o *galvanómetro* acu-  
sava a passagem da corren-  
te eléctrica, como se os pra-  
tos estivessem ligados metá-  
licamente.

E agora começa a snr.<sup>a</sup>  
Curie a lançar no prato in-  
ferior, todas as substancias  
usuais e raras, para vêr se  
alguma ou algumas d'ellas,  
emitiam a extraordinaria ra-  
dição.

Nestes ensaios só encon-  
trou dois corpos rádio-áti-  
vos: o uranio, que já conhe-  
ceis, e o tório, metal raro  
que entra na fabricação das

*mangas* Auer, vulgarmente  
chamadas de incandescencia.  
A snr.<sup>a</sup> Curie deu immediata-  
mente conhecimento da sua  
descoberta, ao mundo cien-  
tifico.

Isto foi em abril de 1898.  
Porem alguns dias antes e  
sem que a snr.<sup>a</sup> Curie tives-  
se disso conhecimento, o fi-  
sico alemão Schmidt, publi-  
cou, num jornal, um artigo  
onde descrevia a mesma  
propriedade do tório, por  
ele descoberta! Pôde pois  
dizer-se que esta proprieda-  
de rádio tiva do tório, foi  
descoberta simultaneamente,  
na França e na Alemanha.  
A snr.<sup>a</sup> Curie, como todas  
as mulheres, ficou furiosa ao  
sêr que outro a acompa-  
nhava nos seus projectos. Mas  
nam desanimou e ei-la a re-  
novar, uma, duas, cem vê-  
zes, a sua primitiva experi-  
encia. Todos os minérios  
d'uranio, passaram no já fa-  
moso, prato da snr.<sup>a</sup> Curie.  
Um deles deu-lhe que pen-  
sar, pois deitado no prato,  
apresentou se quatro vezes  
mais rádio-ativo do que o  
proprio uranio puro!

Esse minério, viéra da  
Austria e chamava-se *pécb-  
lenda* ou oxido d'uranio in-  
puro. Para éla este minério  
era... a contradicção, pois  
que, sendo a rádio-atividade  
do uranio, segundo a opinião  
de Becquerel, uma proprie-  
dade inerente e atomica des-  
te metal, nenhum compôsto  
d'êle, devia apresentar uma  
radição tam ou mais inten-  
sa, que o proprio uranio pu-  
ro. A snr.<sup>a</sup> Curie chegou a  
duvidar da sensibilidade do  
seu aparêlho! Depois de mu-  
ta experiencia, adquiriu quasi  
a certeza de que este extra-  
ordinario poder rádio-ativo  
era proveniente de qualquer  
outro corpo, contido na pé-  
cblenda e diferente do ura-  
nio e do tório.

Neste momento associou  
seu marido ás experiecias e  
os dois começaram entam a  
investigar e a procurar esse  
côrpo enigmatico. Da pécb-  
lenda foram separando, por  
operações successivas e de-  
licadissimas, tôdas as subs-  
tancias nada ou menos rádio-  
ativas.

Calculem a dificuldade des-  
sa operação, visto que a pé-  
cblenda encerra, alem de  
muitos corpos rádio-ativos,  
quasi todos os metais, como:  
fêrro, aluminio, chumbo, bá-  
rio, calcio, bismuto, còbre,  
arsénio, zinco, antimónio, co-  
bálto, manganez, vanádio,  
tálio, terras raras, etc., etc.!  
Foi desta miscelanea de cor-  
pos, misturados numa *tone-  
lada de minério*, que os es-  
pôsos Curie começaram a  
procurar esse corpo desco-  
nhcido, aí disseminado em  
quantidades e proporções in-  
finitissimas!

Começou a grande expe-  
riencia e a 18 de julho de  
1898 os Curie, annunciaram  
a descoberta dum corpo mu-  
lto rádio-ativo a que chama-  
ram *polónium* ou polónio,  
em ónra da pátria da snr.<sup>a</sup>  
Curie, que éra natural da  
Polónia.

A experiencia continuou  
ainda por espaço de alguns  
mêses, pois que os residuos  
da pécbblenda apresentavam-  
se ainda, muito rádio-ativos.  
Finalmente foi a 26 de de-  
zembro de 1898 que, os es-  
pôsos Curie, annunciaram a  
descoberta dum corpo ma-  
ravelhoso e que pôr sêr o  
côrpo rádio-ativo por exce-  
lencia, chamaram *rádium* ou  
rádio. Estava descoberto o  
côrpo que vinha revolucio-  
nar a chimica e a filosofia,  
dando origem a novas tea-  
rias! Quantas dificuldades e

desânimos nam tinham so-  
frido a snr.<sup>a</sup> e o snr. Curie,  
para chegárem á fenomenal  
descoberta!

Para se calcular, quanto  
trabalho isso custou, basta  
saberem que, para obter 5  
decigramas de brométo de  
rádio quasi puro, donde só-  
mente se extraem 12 centi-  
gramas de rádio puro, foi  
necessário gastar uma tone-  
lada de pécbblenda e empre-  
gar 5 toneladas de productos  
quimicos e 50 toneladas de  
agua, para lavagens!...

Oje o rádio é... um cor-  
po pertubadór dos principios  
elementares da ciencia.

A produção continua, ex-  
pontanha de energia que se  
manifesta no rádio, é um  
golpe de morte jogado á lei  
fundamental da conservação  
da energia! O vetusto edificio  
da Ciencia construido tam  
laboriosa e pacientemente  
sôbre o inatacável, indivisi-  
vel e indestrutivel *átomo* e  
aparrado por duas fecundas  
escôras, como eram a *fôrça*  
e a *matéria*, rue e esfranga-  
lha se, como que abalado  
por um colossal terremoto!  
E para que este enorme ca-  
tactismo succedesse, foram só  
necessarias, alguns centigra-  
mas de rádio!

Podia falar-vos já sobre  
muitas theorias a que deu  
origem o aparecimento do  
rádio. Porem farei isso lá  
mais para diante, pois que o  
tratar sempre o mesmo as-  
sunto, enerva e indispoê.

Se qualquer das minhas  
amaveis leitôras ou leitôres,  
desejar qualquer esclareci-  
mento sobre qualquer coisa  
que tenha sido mal expôsta  
ou deficiente, queira dirig-  
se-me, que eu elucidá lo-hei  
da melhor boa vontade.

Na proxima semana esta  
cronica irá subscriptada para o  
sexo fragil, pois pôde dizer-  
se que esta foi só para  
ómens.

Krup.

### Erratas

Na ultima crô-  
nica sobre o rádio apparece  
algumas vezes a palavra  
urássio em vez de uranio.  
Mais algumas *gralhas* pas-  
saram, mas essas facilmente  
os nossos estimaveis leitores  
corrigiram e desculparam.

Como sou pouco forte  
em caligrafia, a ninguem  
deito as culpas.

K.

## Nova firma commercial

Por escriptura publica la-  
vrada nas notas do tabellião  
d'esta comarca, sr. Aurelio  
Augusto Vaz, no dia 1.<sup>o</sup> do  
corrente mez, constituiram-  
se em sociedade os srs. Au-  
relino d'Araujo Azevedo e  
Antonio L. Fernandes, sob a  
firma de **Aurelio d'Araujo  
Azevedo & C.** para  
continuar a explorar o mes-  
mo ramo de negocio da an-  
tiga e acreditada casa com-  
mercial do saudoso José C.  
Gomes d' breu.

Os novos societarios, an-  
tigos empregados d'aquella  
casa commercial, a quem não  
faltam dotes para bem man-  
ter os creditos de negoclan-  
tes intelligentes e honestos,  
são merecedores da muita  
sympathia que o publico lhes  
dispensa.

Augurando-lhe as maiores  
felicidades, felicita-mol-os mui-  
cordealmente.



### Extra-rapidos

I

E' regedor mas por favor.

No café só elle canta e  
berra de pé. Tudo sabe, a  
todos ralha, e se calha, pren-  
de dentro da porta quinze  
ou mais, porque é uma au-  
ctoridade cá da terra e das  
principaes.

Herdou do celebre frade  
uma capa, com que escapa  
muitas vezes, quando *com os  
amigos outhorga*, fazer uma  
grande borga. D'antes, no  
carnaval, era a mascara prin-  
cipal, mas depois que apa-  
nhou a reedoria, tornou-se  
serio e só joga na loteria.  
E' um *pandego* este....

II

Nasceu para andarilho e  
anda, gira, volta, vira, torna  
e vae, sempre, n'um sarilhco.  
Roubaram-lhe um melro,  
ons madraços, e elle raspou-  
se para Paços. Anda a traz  
dos anjos e dos serafins e já  
em tempos n'uma celebre  
tafoleta, annunciava a venda  
de *cains*, de Castro Laborei-  
ro, com o que abysmou o  
mundo inteiro, antes de ir  
para o Outeiro. Para os  
adversarios na politica, com  
a lingua é um verdegio e  
por isso é chamado Victor  
Hugo, que elle aproveita co-  
mo pseudonymo, pois *nao  
passa* d'um....

III

Um pau, dous arames,  
meia roda d'u na machina de  
costura, quatro farrapos e  
uma corneta, tudo isto é para  
elle uma bicycleta. Nunca vae  
só, leva sempre consigo os  
seus planos, pois nunca diz,  
*vou*, diz sempre, *vamos*.  
Com um som especial e gut-  
tural que tira da garganta,  
conforma-se com tudo e na-  
da o ataranta, mas nas egre-  
jas tambem canta.

E' lavrador, é eleitor, é  
viticultor, é cantor, foi exa-  
minador, é sabelodór, é pro-  
fessor e é... é... é sim se-  
nhor.

IV

D'antes dormia ao rez do  
chão, era *escrivão*, e tocava  
fóra de horas violão, acom-  
panhando o fado do Hylario;  
agora fez-se notario.

Mais tarde tornou-se la-  
vrador e fez-se commenda-  
dór, mas por seu mal, é do  
Barral.

Sempre a rir, sempre  
bom e sempre com zanguin-  
has, chamam-lhe os ami-  
gos, o Marquinhos.

O seu rir estrepitoso e  
dobrado, parece o *desabar*  
d'um taboado. Estudou scien-  
cias naturaes, theologias e  
foi intimo de Horacio e de  
Cornelio, mas mente que  
tem diabo este. *Amalho*

Lapis macio.



### Francisco M. da Costa e Silva

PROPRIETARIO  
DA  
**SAPATARIA CENTRAL**  
EM  
**VALENÇA DO MINHO**  
Rua do Conselheiro Lopes da Silva

N'este estabelecimento, encontra-se um variado sortido de calçado para homens, senhoras e crianças, sendo de notar que a solidez, bom acabamento e optimos cabedães empregados, junta-se a modicidade de preços, facto incontestavel que levou á SAPATARIA CENTRAL o largo credito de que goza e os numerosos freguezes que todos os dias a procuram.

N'esta casa, não só se executa obra nova em todas as qualidades e feitios, mas tambem se fazem todos os concertos com a maior solidez e sempre cabedães de 1.<sup>a</sup> qualidade.

Tambem tem um grande sortido de pomas allemãs e americanas, para conservação do calçado, e em todas as côres, que vende por preços sem competencia.

Por contracto que fez com a viuva do falecido João Alves da Cunha, participa aos ex.<sup>mos</sup> freguezes de Melgaço que todos os dias g de cada mez recebe as suas estimaveis ordens na pharmacia do sr. Araujo.

#### CARTÕES DE VISITA

Desde 300 a 600 réis o cento.

# TYPOGRAPHIA

## "JORNAL DE MELGAÇO"

**E**STA officina encarrega-se de todos os trabalhos typographicos, como jornaes, livros, cartazes, programmas para theatros, mappas, cartas funebres, memorandums, bilhetes para rifas, facturas, participações de casamento, recibos para confrarias e juntas de parochia, etc.

Encarrega-se tambem de impressos para repartições publicas e camaras municipaes.

### PREÇOS MODICOS

#### CARTÕES DE LUTO

Desde 600 a 800 réis o cento.

## OFFICINA DE FUNILEIRO E PICHELEIRO

### —DE— JOÃO BAPTISTA REIS

FUNDADA EM 1880  
RUA DA CALÇADA—MELGAÇO

Construem-se gazometros para produzir gaz acetyleno.

● triumphante apparelho automatico sem rival, é superior a todos os systems até hoje conhecidos. Isento de perigos, de funcionamento absolutamente garantido e perfeito, recommenda-se pela sua simplicidade, segurança e economia.

Executa-se em todos os tamanhos, com um ou dois geradores, podendo servir para iluminação de casas particulares, commerciaes ou villas.

Encarrega-se da montagem de cavalisações para agua ou gaz em qualquer terra do paiz e da compra de tubos de ferro ou chumbo, torneiras, bicos, carboneto de calcio, candieiros e todos os seus accessorios, d'esde o mais simples aos mais luxuosos, para o que tem correspondencia directa com as mais importantes casas, no genero, de Lisboa e Porto.

Executa com perfeição toda a obra concernente á sua arte, por mais difficil que seja, tanto em metaes como em folha, zinco, chumbo e ferro zincado.

### Preços limitadissimos

#### GAZOMETROS CONSTRUIDOS NESTA OFFICINA:

- 10.º—Para a casa de morada do sr. Domingos Ferreira d'Araujo, d'esta villa.
- 11.º—Para a «Perola do Minho» do sr. Armindo de Lourdes Lourenço, n'esta villa.
- 12.º—Para o «Café Melgacense» do sr. José Candido Lopes.
- 13.º—Para a séde da Associação de Soccorros Mutuos «Centro Artístico Melgacense».
- 14.º—Para a vivenda e casa commercial do sr. Antonio Augusto d'Aranjo, em S. Gregorio.
- 15.º—Para a vivenda da «Serra», em Prado, propriedade da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Sarah Solheiro d'Oliveira.
- 16.º—Para o «Restaurante e Café Brazil», no Pezo, do sr. Luiz José Couteiro.
- 17.º—Modificação para o seu systema **sem rival** no apparelho vindo de Vigo para o sr. José Ferreira Las Casas, d'esta villa.
- 18.º—Modificação para o seu systema **sem rival** no apparelho vindo do Porto para o sr. José Barbosa Martins, de S. Martinho d'Alvaredo.
- 19.º—Para a casa de morada do sr. dr. Manoel Joaquim Gonçalves, d'esta villa.
- 20.º—Para a «Padaria Progresso» do sr. João da Cunha Moraes, d'esta villa.
- 21.º—Pequenos gazometros para a iluminação publica, d'esta villa.
- 22.º—Para a casa de morada do sr. Luiz Maximo Ferreira, em Remoães.
- 23.º—Para a séde da «Associação União Melgacense».

## COLCHOARIA

### Joaquim Peixoto & Ives

COLCHÕES DE FERRO, TELA D'ACAO  
COLCHÕES D'ARAME, TELA D'ACAO  
COLCHÕES JARAME, TELA D'ACAO

COFRES legitimos á prova de fogo.  
FOGÕES de fogo circular, com caldeiras cylindricas, para lenha e carvão.  
CAMAS de ferro e metal.—LAVATORIOS de ferro.  
LOUÇAS de ferro esmaltado e estanho.  
COLCHÕES e ENXERGÕES de palha, folhelho, lá, crina e sumama  
BANHEIRAS, BALDES, BACIAS e todas as obras de zinco.

EXECUTA TODAS AS OBRAS DE FERRO

OFFICINAS: 31, Cima de Villa, 33

DEPOSITO: 129, Sá da Bandeira, 133

PORTO

## Ourivesaria e relojoaria UNIAO

—DE—  
PONTE & MAIA

PRAÇA DE DEU-LA-DEU, 78 E 81

MONSÃO

**N**ESTE estabelecimento recentemente montado encontra-se um completo e variado sortido de objectos d'ouro e prata, crystaes guarnecidos a prata e ouro, relógios de algebeira tanto para homem como para senhora (ultimos modelos), ditos de sala e meza e um variado sortido em estojos e objectos para brindes. Longines, relógios d'alta precisão. Fazem-se todos os concertos em ouro e prata assim como em relógios, garantindo todos os seus trabalhos.

Aos excellentissimos freguezes e ao publico em geral recommendamos que não comprem n'out. a parte sem primeiro visitarem o nosso estabelecimento na praça de Deu-la-Deu ou o da rua do dr. Luiz José Dias, pertencente á mesma firma.

Os proprietarios d'estas duas ourivesarias percorrem todas as feiras circumvisinhas onde recebem ordens dos seus estimados freguezes.

Preços os mais modicos

TOMOS MENSAES  
Contendo 5 fasciculos com mais de  
**20** MAGNIFICAS GRAVURAS  
além de pequenas gravuras, lettras ornadas, etc.  
Preço de cada tomo  
**300 réis 500**

HISTORIA DE PORTUGAL  
Edição popular e illustrada, sob a direcção do notavel artista ROQUE GAMEIRO. A mais util, mais luxuosa e mais barata de quantas publicações se tem feito a cabo em Portugal  
Dirigir os pedidos de assignatura.—LISBOA, Parceria A. M. Pereira, rua Augusta, 50 54; Livraria Moderna, rua Augusta, 92. PORTO, Guadalupe Campos, rua de D. Pedro, 116. e a todas as livrarias do paiz.  
Estão publicados 11 FASCICULOS e TOMOS que se enviam mediante 60 réis cada fasciculo e 300 réis cada tomo, a quem os requisitar á rua Augusta, 195, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

FASCICULOS SEMANAES  
Contendo 2 folhas de 8 paginas cada, a 2 columnas, 4.º grande e inserindo, pelo menos  
**4** MAGNIFICAS GRAVURAS  
além de pequenas gravuras, lettras ornadas, etc.  
Preço de cada fasciculo  
**60 réis 50**